

() Graduação (X) Pós-Graduação

HUMANIDADE PARA QUEM? a intensificação da política de desumanizar corpos negros no Brasil

**Gabriela Marques Santana Lima,
Unesp – FCLAr,
gblamarques@gmail.com**

RESUMO

O presente estudo aborda o tema desumanização e corpos negros no Brasil, uma vez que vivemos um expressivo massacre direcionado para esse grupo étnico. Portanto, o objetivo geral deste estudo é analisar como o cenário da pandemia do novo coronavírus intensificou as formas de violência direcionadas para a população negra no Brasil e, ainda, como são atribuídas a negação de existência para esse grupo, que vem sendo caracterizados como não-pessoas, não-passíveis de direito à vida e em contrapartida a uma aclamação social por esses extermínios, como se a ordem para ser estabelecida dependesse da aniquilação de tudo e qualquer coisa que “os cidadãos de bem” encaram como ameaça, como objetivos específicos: compreender como o conceito de desumanização se faz presente na instituição carcerária do país, analisar a relação que se estabelece entre Necropolítica e pandemia, verificar o por que a desumanização classifica o outro como inimigo. A metodologia é qualitativa a partir do levantamento e análises bibliográficas acerca do tema desumanização e relações étnico-raciais; os resultados apontados nesta conclusão inicial indicam que a desumanização se faz significativa no solo nacional, sendo fortalecida pela hegemonia branca que criva sua dominação na prática de negar a existência do outro.

Palavras-chave: Desumanização; Pandemia; Relações étnico-raciais; Política de morte.

1. Introdução

O processo de globalização instaurou novas formas de controle, bem como a intensificação da ideia de desumanização, voltada para grupos sociais específicos: pessoas negras; imigrantes; homossexuais; mulheres e, essa desumanização implica em políticas de repressão e/ou morte. Em vista disso, é expressiva as atrocidades que esses grupos passam nessa nova fase capitalista, globalizada e aqui me proponho a elucidar como essa nova era tida como a mais “desenvolvida ou evoluída” na realidade é a mais atrasada e repressiva a qual nem nos piores pesadelos nós imaginávamos vivenciar, digo nós, porque aqui quem escreve para você leitor (a) é uma mulher negra que está exausta de ter a sua existência e de seus irmãos e irmãs negada, peço licença para direcionar esse breve trabalho como uma denúncia frente a todos os absurdos que o povo negro brasileiro vem sofrendo, sendo dilacerado todos os dias por essa pátria que não tem nada de gentil!

O estudo tem como finalidade escancarar como as políticas sociais – que aqui serão chamadas de políticas de desumanizar –, são efetivadas e quais são os seus alvos. O estudo tem por objetivo primário analisar como o cenário da pandemia do novo coronavírus intensificou as formas de violência direcionadas para a população negra no Brasil e, ainda, como são atribuídas a negação de existência para esse grupo, que vem sendo caracterizados como não-pessoas, não-passíveis de direito à vida e em contrapartida a uma aclamação social por esses extermínios, como se a ordem para ser estabelecida dependesse da aniquilação de tudo e qualquer coisa que “os cidadãos de bem” encaram como ameaça e como objetivos específicos: compreender como o conceito de desumanização se faz presente na instituição carcerária do país, analisar a relação que se estabelece entre Necropolítica e pandemia e verificar o por que a desumanização classifica o outro como inimigo.

Assim, o interesse em direcionar o estudo para o contexto atual (pandemia) e para a população negra, se deve, exclusivamente, por que eu sou parte deste grupo, assim como outras milhares de pessoas são, além de ser um tema urgente em ser discutido, levando em conta que a cada 23 minutos morre um (a) jovem negro no Brasil e considerando que o atlas da violência sinaliza uma crescente significativa no perfil das vítimas de homicídio, então: “Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros [...]” (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019, p. 49).

2. Procedimento metodológico

O presente se apresenta como um estudo qualitativo a partir da técnica de levantamento e análise bibliográfica acerca das produções com a temática desumanização e relações étnico-raciais. Inicialmente, não há hipóteses, mas não é descartada a possibilidade de surgir novas indagações sobre o tema em tela no decorrer de seu desenvolvimento, uma vez que o estudo está em construção e pretende ser transformado em um artigo.

3. A desumanização legitimada pela instituição carcerária no Brasil

São muitas as instituições que se consolidam pelas práticas de desumanizar as pessoas, mas, a maior que temos tem nome e sobrenome: sistema prisional, as prisões perpassam a história de todo o mundo, cada país com a sua peculiaridade e/ou prática para punir, mas seguem o mesmo fio condutor – configurar aquela pessoa que confrontou as normas estabelecidas como inimiga, vagabunda, subversiva, causadora da desordem, animal; é habitual os indivíduos discursarem isto, porém essa habitualidade causou e causa grandes atrocidades em relação as pessoas submetidas no processo de institucionalização, além de serem punidas tendo a liberdade negada, essas pessoas em sua grande maioria são negras, por que o que decide e define quem vai preso, é primeiro, antes de qualquer coisa, a cor da pele “podemos afirmar que 64% da população prisional é composta por pessoas negras” (INFOPEN, 2016, p. 32).

A cidade na era global acelera e intensifica os conflitos sociais e as políticas de desumanizar, logo, o sistema prisional no Brasil é uma criação urbana que tem sua essência no controle de corpos e violência desses. Podemos visualizar isso em Vigiar e Punir: o nascimento da prisão. Inicialmente, na obra de Foucault o corpo era a principal forma de punição existente, a dilaceração, o suplício do corpo sempre fora expressiva e era apresentada na forma de espetáculo, para que as outras pessoas não cometessem a mesma infração, por que uma vez cometida, seu destino seria semelhante a aquele assistido, ao longo do primeiro capítulo o autor conclui que o corpo conforme passado os anos, deixa de ser a principal forma de punição, deixando agora o lugar para a alma, e o que isso quer dizer? Quer dizer que as punições elas agora não têm como exercício marcar determinado corpo “superficialmente” e sim marcar profundamente sua existência, seu ser.

3.1. Necropolítica e pandemia em: a caracterização do outro como inimigo!

A palavra Necropolítica surge após conceituação do filósofo e historiador Achille Mbembe e tem por significado o uso do poder social e político para estabelecer como algumas

peças devem viver e como outras devem morrer, portanto, a Necropolítica pode ser encarada como uma política de morte, visto que ela determina os destinos a serem seguidos por meio de práticas e ações. Sabendo disso, no atual contexto, estamos sendo marcados (as) por essa política de morte e, ela vem sendo fortalecida conforme a pandemia se intensifica no país, é fácil visualizar quem são as pessoas mais afetadas pelo vírus e pela taxa de mortalidade “Um artigo produzido pelo Grupo de Trabalho Racismo e Saúde, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), observa que, durante a pandemia da COVID-19, além de ser o grupo com maiores vítimas pelo vírus, a população negra também sofre impactos em sua saúde mental” (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020, p. 1).

Levando em conta essa explanação, a indagação surge a mente: por que caracterizar o outro como inimigo? Estamos imersos (as) em uma considerada hegemonia de domínio/poder branca e conservadores das tradições, a exemplo, a figura do líder do país carrega consigo o discurso de “bandeira branca” para a polícia matar, um líder que negaciona as medidas de proteção no contexto da pandemia, que não explica nem investiga por que tantos jovens negros (as) estão morrendo nas periferias do país, estamos imersos a um controle extremo sobre nossas ações, comportamentos, pensamentos; sobre nossa vida.

O fuzilamento dos corpos periféricos é prática comum junto ao silenciamento do estado, caracterizar o outro como não parte da pátria e os configurar como a figura do mal, é uma tática efetiva de contingenciar os indesejáveis, que são as pessoas pobres, negras, imigrantes, homossexuais, entre outros grupos. A mídia (o desenvolvimento tecnológico) colabora substancialmente para a configuração da não-pessoa (nas notícias televisionadas), daquele (a) que merece a pior das penas, do inimigo social.

4. Considerações finais

Desta forma, a desumanização está mais incorporada do que nunca, assim como o fortalecimento da hegemonia que se criva no estado brasileiro a cada dia que passa, são tempos difíceis, para todos e todas que se identificam contra a hegemonia, não apresentarei nenhuma conclusão, por que falar sobre a desumanização dos corpos negros é um fio que parece não ter fim no Brasil, ela se refaz todos os dias, assim como essa análise, que já será diferente daqui um mês, possivelmente mais sangrenta do que hoje e ainda mais dolorosa. Vidas negras importam!

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Levantamento nacional de informações penitenciárias: INFOPEN Atualização** – junho de 2016 / organização, Thandara Santos; colaboração, Marlene Inês da Rosa... [et al.]. – Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2017.

FOCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência de 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: IPEA, 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

ONU. Nações Unidas Brasil. **Saúde mental de pessoas negras é afetada pela COVID-19**. Brasília: ONU, 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/97130-saude-mental-de-pessoas-negras-e-afetada-pela-covid-19>. Acesso em: 21 jun. 2021.